

Ricardo Azevedo

---

---

FRAGOSAS  
BRENHAS  
*da* MATARÉU

Ganhador do Prêmio Jabuti na categoria  
Melhor Livro Juvenil (2014).

Edição revista pelo autor.

**ea**  
editora ática

*Fragosas brenhas do mataréu*  
© Ricardo Azevedo, 2013

*Diretoria de conteúdo e inovação pedagógica* Mário Ghio Júnior  
*Diretoria editorial* Lidiane Vivaldini Olo  
*Edição* Camila Saraiva  
*Preparação* Beatriz Antunes

#### ARTE

Ricardo de Gan Braga (superv.), Soraia Pauli Scarpa (coord.)  
e Thatiana Kalaes (assist.)  
*Projeto gráfico:* Rafael Nobre  
*Capa:* Rafael Nobre  
*Diagramação:* Acqua Estúdio Gráfico

#### REVISÃO

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Rosângela Muricy (coord.), Célia Carvalho,  
Brenda Morais e Gabriela Lubascher Miragaia (estags.)

#### ICONOGRAFIA

Sílvio Kligin (superv.), Cesar Wolf e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)  
*Pesquisa iconográfica:* Angelita Cardoso

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A988f 2ª ed.
Azevedo, Ricardo, 1949- Fragosas brenhas do mataréu / Ricardo Azevedo. - 2. ed. - São Paulo : Ática, 2015. 256 p.
ISBN 978 85 08 17929-9
1. Romance brasileiro. I. Título.
15-29025
CDD: 869.93 CDU: 821.134.3(81)-3

Código da obra CL 739193  
CAE: 563081

2015  
2ª edição  
1ª impressão  
Impressão e acabamento:

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A., 2013  
Avenida das Nações Unidas, 7221  
Pinheiros — São Paulo — SP — CEP 05425-902  
Atendimento ao cliente: 4003-3061 — atendimento@atica.com.br  
www.atica.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



# Sumário

Apresentação. 5

## Capítulos

I. 9	16. 137
2. 18	17. 144
3. 28	18. 153
4. 38	19. 160
5. 44	20. 168
6. 54	21. 174
7. 66	22. 179
8. 75	23. 185
9. 83	24. 197
10. 96	25. 205
11. 104	26. 214
12. 108	27. 222
13. 115	28. 232
14. 121	29. 244
15. 129	





## Apresentação

Como sonhar nunca foi proibido, mesmo antes de 1980, quando publiquei meu primeiro livro, já tinha planos de escrever uma história que se passasse no Brasil do século XVI.

Em 1974, quando perdi meu pai, separei da biblioteca dele todos os livros, por sorte muitos e ótimos, que tratavam do assunto. Desde então, eles vêm me acompanhando ao longo da vida, de estante em estante das casas em que morei, acrescidos de outros que fui comprando por saber que poderiam ser úteis.

Só em meados de 2010 senti que tinha chegado a hora de enfrentar esse desafio tão antigo.

Avaliei então todos os livros que tinha em casa e separei aqueles que julguei que devia ler. Foram meses e meses de leitura, anotações e fichamentos, não só a respeito do contexto histórico como também das palavras e formas de falar recorrentes naquele tempo.

Abro parênteses para avisar que nem de longe tentei reproduzir fielmente a linguagem da época, algo impossível e inadequado. A partir de tudo o que li procurei, a meu modo, reinventar e arremedar uma certa maneira de dizer e de descrever a vida e as coisas do mundo.

Enfrentei vários textos escritos por viajantes, padres e aventureiros que andaram por aqui, assim como relatos de viagens mais antigos, narrativas piás, estudos sobre a Idade Média e ainda alguns excelentes livros, mais e menos recentes, abordando o período. Minha intenção era de um lado colher informações e de outro tentar recuperar e compreender uma mentalidade marcada pelo misticismo das leis eternas e indiscutíveis, pela crença em mistérios, magias e milagres, em rígidas hierarquias sociais e, ao mesmo tempo, por uma luta constante e brutal contra a precariedade da existência.

Seria cansativo e inútil citar aqui todos os livros consultados, mas preciso dizer que sem eles teriam naufragado em desonestos, empolados, diabólicos e medonhos mares essas *Fragosas brenhas do mataréu*, que agora ofereço ao leitor.

Ricardo Azevedo





*Em memória de meu pai  
que me ensinou a amar  
essas ditosas e incultas brenhas.*

*Para María Isabel,  
José Eduardo e Clara*

*Para Martim.*







**D**eus, por insolências e pecados meus, ordenou que minha vida nesse mundo se transtornasse em desgoverno, desconsolo e desastre.

Dormia eu na quietude do catre.

Recostada ao lado, também em sua cama, lia minha mãe com dois candeeiros acesos sobre o baú.

Era noite de ásperos frios.

Eis que a porta de casa quase que se despedaça num estardalhaço de bordoadas e vozerios:

— Joana Machada!

Enrolada nos mantos correu minha mãe a desferrolhar a porta.

Vultos de capa e capuz surgiram acompanhados de soldados com tochas na mão.

Apresentaram-se como comissários do Santo Ofício. Mencionaram lastimosas acusações e denúncias. Traziam eles ordens de aprisionar minha mãe.

— Mas de que me acusam?

Morávamos em casa apenas ela e eu.

Após longos palavreados e conversações, decidiram os religiosos que por ter eu cerca de 15 anos deveria acompanhá-los.

A lembrança daquela noite de escuridade surge até hoje, de quando em quando, a embaraçar meus pensamentos.

Minha mãe contornada de padres escarapuçados e homens de armas, uma fragosa friagem ferindo meu rosto, o medo, o ruído solerte dos passos pisoteando as pedras das ruelas.

Ah, minha mãe, minha mãe, tão ditosa, tão bela, tão desastrada!

Já pressentia eu tamanho desassossego.

Adivinhava sinistros intentos e malquerenças, antes de tudo por ter minha mãe temperamento forte mas também pela voraz algargavia da vizinhança e pelo maldizer de gentes que vira e mexe escutava eu tanto na feira e no porto como na taberna de Joaquim Faleiro.

Muitos apreciavam Joana Machada. Muitos, não.

Era minha mãe formosa. Sabia ela ler, escrever e contar. Levada pelos padres, desapareceu no secreto cárcere oculto nos calabouços do tribunal do Santo Ofício.

Havia em andamento um processo, disseram os clérigos, e logo seria ela levada a um interrogatório no tribunal da Inquisição.

Enviaram-me provisoriamente para uma casa da Irmandade de Misericórdia, local onde costumavam deixar os miúdos enjeitados sem pai nem mãe.

Dias depois, por ordens do meirinho do Santo Ofício, fui internado no Colégio de Jesus dos Meninos Órfãos de Lisboa e lá fiquei por algum tempo. Enfim, como grumete e contra minha vontade, parti para a viagem que marcou e ainda marca minha vida — e que tem, ao mesmo tempo, me proporcionado tamanhos malefícios e benefícios.

Mas foi tudo isso depois.

Muito do meu conhecimento a respeito do malazarado destino de Joana Machada soube graças ao padre Agostinho, piedoso amigo que dizia missa na ermida de São Jerônimo, próxima de onde vivíamos. E também pelo que contou Manuel Pinhão, cirurgião-barbeiro, parente de dona Felícia, mulher do sardinheiro nosso vizinho. Com sangrias e mezinhas cuidou ele da saúde de minha mãe durante sua breve e medonha estadia no cárcere.

Após duas semanas no calabouço e já desfalecida de frios e fomes, foi Joana Machada finalmente levada à mesa do tribunal.

Segundo a ata de acusação, vinham as denúncias de duas testemunhas anônimas, tidas por parte dos inquisidores como cristãs, piedosas e honestas e que, como imaginava eu, moravam na parte baixa da cidade, nas proximidades de nossa casa.

Acusavam minha mãe de praticar bruxarias e bagatas, de conhecer assuntos de magia e malquerer, e mais: de manter comércios ilícitos com o diabo. Disseram que aprendera Joana Machada a ler, escrever e contar devido a aulas que teve com o próprio satanás. Que costumava ter conversações com os mortos e que, por nefandos sorti-

légios, sacrificava animais, abria seus ventres com um facão e, munida de uma colher de pau, examinava-lhes as entranhas. Graças a isso, diziam, era ela capaz de adivinhar destinos, sortes, mazelas, amores, desamores e até ter ciência de coisas que ainda não tinham existido.

Que certa vez, a uivar, soprar e escarrar pelos ares, desencadeara ela ventos tão tamanhos e desfavoráveis que fizeram afundar uma nau prestes a atracar no porto.

Muitas e muitas eram as aleivosias e calúnias.

Disseram que a troco de moedas e prendas escrevia minha mãe, sob encomenda, cartas dirigidas ao demônio com orações, demandas e pedidos de ajuda.

Juraram que conhecia ela a arte de dominar diabos fêmeas e machos e que sabia como prendê-los em frascos e botijas.

Que a própria Joana Machada, ela mesma, minha mãe, costumava ter namoros e fornicações com o satanás para assim, por meio de tratos ilícitos com o cão danado, obter proteção, favores e benefícios.

Diziam por fim que arrenegava ela Deus e Jesus Cristo e, às escondidas, tinha por costume mijar sobre crucifixos e imagens de santos.

Deus salve minha alma!

Não era minha mãe quem fazia tamanhas e tão descalabrosas afrontas!

Por tudo o que disseram, relataram e descreveram, tratava-se certamente de outra pessoa, a bruxa de nome Jacinta, mulher castrada, solteira do mundo, conhecida também por Mija-Mole, uma maga feiticeira, carocha e nigromante que habitava a outra banda do rio, a dois tiros de arcabuz da casa onde morávamos.

Era Jacinta Mija-Mole, ela sim, Deus que me perdoe e guarde, deveras afamada pelo mau viver, mulher pervertida e embebida de peçonhas e malquerenças, uma velhaca sempre assoberbada por malvadezas, torpezas e sujidades.

Mas Joana Machada?

Ocorre que, além da roupa que lavava para fora e das marmeladas que com esmero preparava e vendia, fazia também minha mãe trabalhos de curandeira e benzedeira. Fora isso, era parteira, preparava unguentos e mezinhas, e não poucos vizinhos enfermos salvou com suas sangrias e ervas purgativas.

Não nego que Joana Machado por vezes preparasse e distribuísse uns saquinhos de pano que costurava e recheava com retalhos de raízes, amuletos e sementes mágicas. Mas fazia isso para suscitar a sorte, para proteger, para esconjurar o mal, para afastar ruins humores, fluidos e miasmas. Sempre tencionou ela fazer o bem e para esse fim contava com a força não do sujo manfarrico, Deus disso é testemunha, mas de são Brandão e santo Amaro, santos de sua devoção, e principalmente com as bênçãos de Nosso Senhor Jesus Cristo!

Bruxas embruxam, enguiçam a vida das gentes e urdem malefícios.

Benzedeiras desembruxam, desenguiçam a vida das gentes e urdem benefícios.

Quem desconhece isso, meu Deus do céu?!

Em verdade cheirava tudo aquilo a grossas e tremendas treidoíceas. Eram calúnias eivadas de insídias, tratantadas dissimulosas e mordazes, e eu bem sabia de quem.

Duas casas abaixo da nossa, quase na esquina da rua do cais, morava um tal Antão Pires, mercador de lã e madeira. Era o homem pai de oito filhos, casado com dona Antonina, freguesa que costumava encomendar de minha mãe marmeladas e mezinhas.

Pois cismou o dito Antão Pires que queria porque queria ter amores com Joana Machado. Passava ele na rua e pela janela sempre chamava minha mãe a perguntar se queria e consentia ela dormir com ele. Chegou a oferecer um chá feito de hortelã, pinhão, pólvora, pimenta-do-reino, ovos de codorniz e certo pó feito com testículos de cães. Incitava tal beberagem, segundo diziam, fogosos desejos e pecaminosas ferverças da carne.

Minha mãe se recusava. Antão Pires insistia. Minha mãe resmungava. Antão Pires convidava. E tentava. E suspirava. E prometia.

Certa tarde, uma vez mais, apoiou-se o mercador na janela de casa com olhares e trejeitos desconvenientes:

— Joaquina Machadinha, vamos ali no matinho, anda logo que necessito eu mostrar-te uma coisinha!

— O senhor tem sua mulher! — respondeu minha mãe.

— Tu és mais formosa e mais afofadinha do que ela.

Estava eu em casa e a tudo presenciei.

Cansada, depois de um dia abarrotado de demandas, trabalhos e lutas, desencontrou naquela tarde Joana Machada a paciência, agarrou o penico da casa, correu até a janela e atirou mijo e merda nas faces do frascário.

Era Antão Pires, não podia ser outro quem agora de forma infame e ardilosa, por vingança, despeito e rancor, acusava minha pobre mãe.

Ele e certamente alguma vizinha que desgostava do fato de saber minha mãe ler e escrever, coisa que poucos ali sabiam. Ou porque invejava sua beleza e seus dotes de bem-afigurada mulher, ela que, graças a seus muitos esforços, conseguia além disso ganhar dinheiros mais e melhor do que muita gente em toda a freguesia.

Mas, para meu descontentamento e piores presságios, os relatos do padre e do cirurgião-barbeiro não cessavam com tais denúncias e calúnias.

Descreveram eles outras sessões do tribunal, três interrogatórios realizados a cada duas semanas.

Segundo Manuel Pinhão, definhava a cada encontro com os padres a saúde de minha mãe por conta da umidade do cárcere, da sujidade de ratos e da comida penetrada de bolores e podridões.

Sempre negou minha mãe, nos ditos interrogatórios, de acordo com padre Agostinho, todas as acusações recebidas. Disse ela que não passavam de lastimosas infâmias, argumentou, reafirmou sua fé

em Deus, mas infelizmente parecia mais e mais desesperançada e enfraquecida.

Sobreveio então o quarto e desastroso interrogatório.

Exaurida, fez Joana Machada surgirem de sua fraqueza desaconselhadas e temerárias forças. Aos engasgos, gritos e tosses, desabrochou diante dos inquisidores seu temperamento forte, disse o que pensava, o que quis e o que não devia.

Era o que eu deveras temia e grandemente receava.

Reafirmou minha mãe nessa derradeira sessão sua fé em Deus e em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Disse que não existia na face da Terra criatura dotada de razão que fosse tão cega e estúrdia a ponto de não enxergar que, na ordem que regia o céu, a Terra, o Sol, a Lua, as estrelas, o mar e os demais eventos do mundo, algo havia que ultrapassava as ações dos homens, e que era esse algo regido e comandado por um Deus Todo-poderoso.

Novamente contou ela aos padres que aprendera a ler não com o diabo, mas com um certo Menocchio, moleiro e carpinteiro que, foragido da Itália, viera viver na aldeia onde nascera.

Chorou. Disse que, embora não fosse bem-aceito, não era proibido, não era pecado, nem contrariava as leis de Deus que uma mulher soubesse ler, escrever e fazer contas.

Jurou que desconhecia tratos e comércios com satanases e demônios, fossem eles o que fossem, íncubos ou súcubos.

Foi quando, de acordo com o padre, desafogou Joana Machada sua alma e sua revolta.

Declarou minha mãe aos clérigos que era mulher avançada na idade, que tinha 31 anos e, por essa razão, impossível era para ela acreditar que Nossa Senhora tivesse dado à luz e continuado virgem.

Escondeu o bom padre Agostinho a cabeça entre os braços.

— Parece que doidejou de vez sua pobre mãe! — exclamou ele olhando para mim com a voz assombrada.

E contou que, em plena sala do tribunal, declarou Joana Machada aos berros que desconhecia de onde o papa e os padres tinham tirado tanta autoridade.

Que em sua opinião, se todos os homens e mulheres foram por Deus criados, já vinham ao mundo por Ele batizados e, portanto, era o batismo um desserviço lastimoso e sem serventia.

Criticou ela a venda de indulgências. Disse que tudo não passava de patranhas de frades para angariar fundos.

— Por acaso desejaria Deus Nosso Senhor — perguntou ela aos padres do tribunal — que os ricos e poderosos, por terem dinheiro para as indulgências, possam cometer mais e piores pecados do que os pobres?

Não contente, declarou que o purgatório não existia.

E que sabia da existência de muitos bons padres, fiéis aos verdadeiros ensinamentos de Deus, mas que floresciam os sacripantas, histriões e mariolas amamentados pela cúria.

Com a voz apinhada de temores contou padre Agostinho que reagiram os clérigos inquisidores tomados por enormes fúrias e berrarias.

Com o dedo em riste, acusaram minha mãe de ser blasfema, bruxa e contumaz praticante de heresias.

Declararam eles que aquele palavrório contrariava frontalmente a Santa Madre Igreja, os santos ensinamentos e as leis de Deus e só podia ser lições, sutilezas e tramoias sopradas pelo anjo danado das trevas. Confirmaram ainda que preparar e distribuir saquinhos de pano costurados com raízes, amuletos e sementes mágicas outra coisa não era senão pecado e heresia.

Retrucou então minha mãe também com o dedo em riste. Confirmou ela aos gritos que de fato preparava os ditos saquinhos. Mas jurou que era o contrário do que afirmavam os padres. Fabricava poções e costurava as tais bolsinhas para combater o mau-olhado, os malefícios e aleivosias do demônio. Explicou que doenças nada mais eram do que embaraços causados por forças do mal enviadas

pelo tosco satanás. Contou que tanto nos filtros como nos panos costurados, sempre com ajuda de Nossa Senhora, colocava ervas e sementes, plantadas cuidadosamente por ela mesma nos cemitérios e campos-santos, e apenas perto de sepulturas escolhidas com grandes zelos.

Deveras sobressaltados restaram os padres inquisidores.

E mais ainda quando Joana Machada indagou aos componentes do tribunal se pretendiam eles que o trigo da farinha para fabricar a santa hóstia fosse colhido à beira do túmulo de pecadores, assassinos e malfeitores.

Ou se preferiam que fosse o dito trigo cultivado e colhido à beira do túmulo de homens sem pecados, de seguidores dos dez mandamentos, de gente que na vida soube praticar o bem, rezar, amar o próximo como a si mesmo e, acima de tudo, louvar sobre todas as coisas a Deus Todo-poderoso, criador do céu e da Terra.

Revelou ainda Joana Machada que, por ter lido vários livros, sabia ela que existiam na amplidão descomunal da Terra diferentes povos, diferentes crenças e diferentes costumes e leis. E afirmou que, se os homens eram criações de Deus, cada povo tinha direito de ter o seu deus, o seu pensamento e os seus costumes.

— São os deuses de cada povo — garantiu minha mãe — as diversas faces de um verdadeiro e único Deus, e nada mais representam as diferentes crenças e costumes do que as diversas faces do homem por Ele criado!

Diante do revoltado berreiro dos padres, declarou por fim Joana Machada aos gritos e prantos que no tempo de Adão e Eva não existiam nem igrejas, nem papas, nem reis, nem nobres, nem padres, nem ricos, nem pobres, nem homens de armas, nem senhores, nem criados, nem escravos.

Chorou padre Agostinho ao relatar a repulsa e o desapoio do tribunal da Santa Inquisição diante das deveras afrontosas ideias de minha mãe.



Embora acusada de praticar bruxarias e condenada à morte pelo tribunal da Inquisição, escapou minha mãe de ser enforcada em praça pública.

Por vontade de Deus Nosso Senhor, cerca de cinco meses após sua prisão e antes da data prevista para sua execução, faleceu Joana Machada no cárcere dos porões do Santo Ofício arruinada de chagas, empeçonhada de dores e corroída por desencantos e desalentos.

Apoderou-se de mim desde então um tenebroso desejo de desviver.

J amais pude compreender que misteriosos fundamentos e motivos levaram Deus a retirar da vida presente a alma da minha ditosa e defunta mãe.

Cerca de seis meses após sua morte, banida deste mundo pelas doenças que Deus lhe deu, fui tirado do Colégio de Jesus dos Meninos Órfãos, pelos padres levado até o porto e embarcado numa nau sem sequer saber ao certo para onde rumava.

Desavisado de tudo e contra meu desejo, parti do porto de Lisboa no ano de 1559, com talvez cerca de 16 anos mais ou menos, no posto de grumete, a bordo da nau Nova Conceição, comandada pelo capitão-mor Bernardo Gomes de Brito e tendo por piloto Diogo Pires de Lucena, rumo às terras do Brasil.

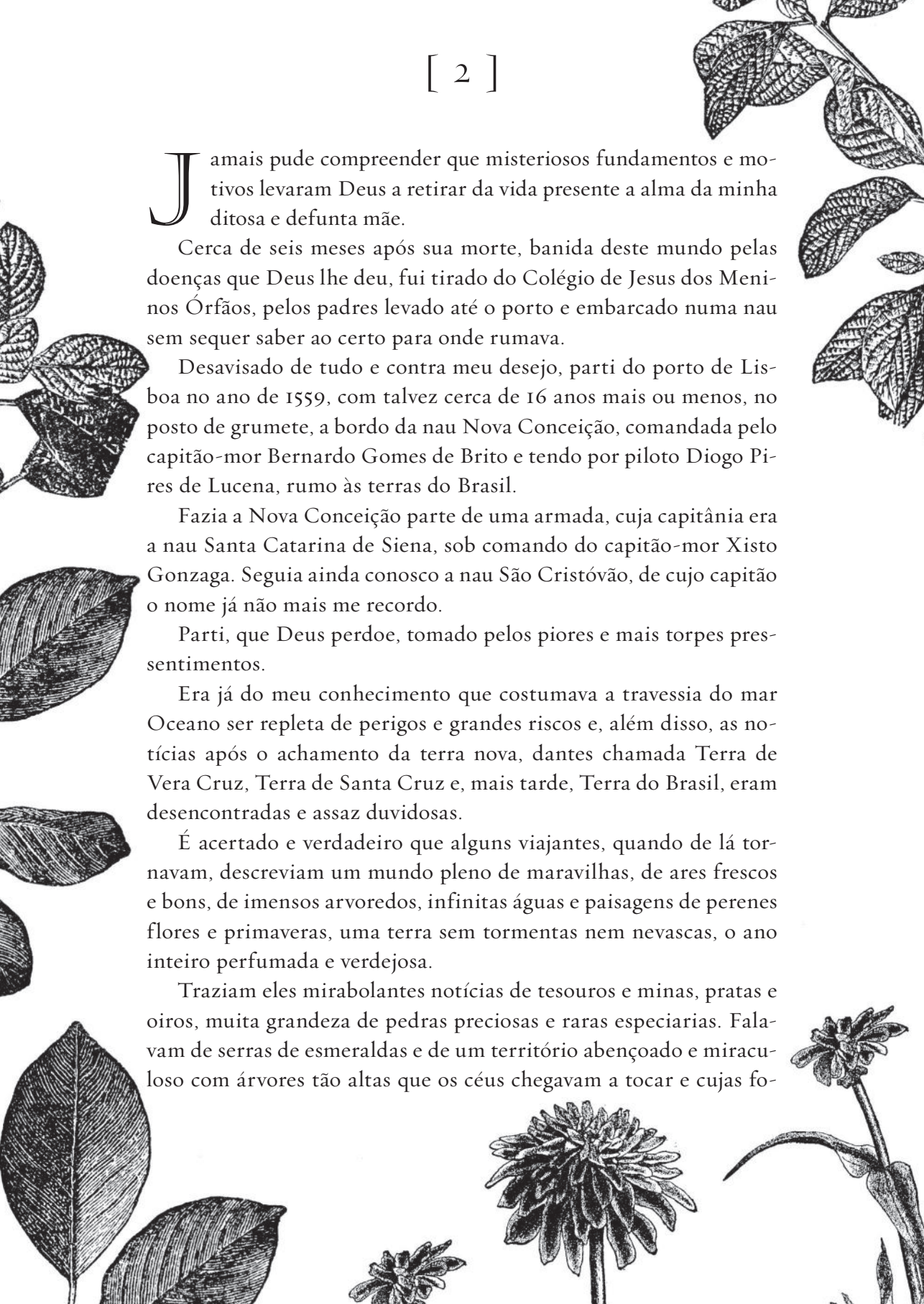
Fazia a Nova Conceição parte de uma armada, cuja capitânia era a nau Santa Catarina de Siena, sob comando do capitão-mor Xisto Gonzaga. Seguia ainda conosco a nau São Cristóvão, de cujo capitão o nome já não mais me recordo.

Parti, que Deus perdoe, tomado pelos piores e mais torpes presentimentos.

Era já do meu conhecimento que costumava a travessia do mar Oceano ser repleta de perigos e grandes riscos e, além disso, as notícias após o achamento da terra nova, dantes chamada Terra de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz e, mais tarde, Terra do Brasil, eram desencontradas e assaz duvidosas.

É acertado e verdadeiro que alguns viajantes, quando de lá tornavam, descreviam um mundo pleno de maravilhas, de ares frescos e bons, de imensos arvoredos, infinitas águas e paisagens de perenes flores e primaveras, uma terra sem tormentas nem nevascas, o ano inteiro perfumada e verdejosa.

Traziam eles mirabolantes notícias de tesouros e minas, pratas e oiros, muita grandeza de pedras preciosas e raras especiarias. Falavam de serras de esmeraldas e de um território abençoado e miraculoso com árvores tão altas que os céus chegavam a tocar e cujas fo-



lhas, quando no chão caíam, por vezes viravam peixes. Diziam por lá existirem rios de águas mágicas que ao sol tornavam-se pretas e serviam como tinta. Garantiam certos viajantes que existiam no Brasil homens que andavam metidos nos matos com ossos presos nos beiços, sem vestes no corpo, suas vergonhas à mostra, acompanhados de mulheres de cabelos negros e compridos, também nuas e desacauteladas, com suas conas e injúrias mui cerradinhas e limpas das cabeleiras. Eram as mesmas, diziam, tão naturais nos seus doces jeitos e trejeitos de fêmea que nem elas se desavergonhavam de muito bem serem olhadas nem ninguém se desavergonhava diante delas.

Para alguns, pareciam ser as terras do Brasil, enfim, um ditoso, abençoado e gracioso retalho de terra onde em se plantando tudo dava, uma terra fértil de coisas para admirar, agradecer e louvar a Deus nosso Criador.

Mas diziam outros bem o contrário.

Que, ao perceber que perdia sua força e seu domínio sobre as terras de Portugal e demais reinos cristãos, decidira o diabo fugir para melhor poder organizar seus medonhos exércitos, e para tal fim escolhera a terra dos brasis.

Falavam pois estes viajantes, e poucos não eram, em grossas pestências que tinham sua origem certamente nos dons e tramoias do demônio. Desaprumados, tornavam a Lisboa contando que existiam no Brasil homens marinhos moradores do fundo das águas, que à noite surgiam para agarrar e matar as gentes. Descreviam leões sanguinários, desonestos e sem juba que traziam os corpos cravejados de pintas. E rios de malignas águas, pois, quem nelas se banhasse, virava logo um punhado de ossos. E escuros, intrincados e infernais mataréus onde quem por azar se perdia jamais tornava, devorado por facinorosas feras, diabos e monstregos. Mencionavam povos selvagens peludos como ursos, pessoas que temiam galinhas, mas eram perigosas, robustas e de má vida. Vivia essa gente fraudulenta e desiluminada, sem fé, nem lei, nem rei, sob o império de satã e belzebu a armar toda sorte de delitos e torpezas.

Pior que tudo, tinha ela o carniceiro e pecaminoso costume, ensinado certamente pelo cão-tinioso, de alimentar-se com carnes humanas.

Não sabia eu se eram aquelas notícias verdadeiras e honestas ou um punhado de chacotas e caçoadas contadas pelos borrachos e avinhados viajantes que das terras do Brasil retornavam.



Era começo de junho quando zarpamos. Em conversas com outros tripulantes soube que deveria a viagem, se tudo corresse bem, Deus permitisse e o diabo não desajudasse, durar cerca de um mês.

Levávamos a bordo da Nova Conceição 680 almas e íamos carregados de ricos cabedais, fazendas, dinheiros e documentos do Rei, encomendas da igreja e dos senhores da terra. Afora isso, variadas mercadorias que naqueles rudes rincões faziam falta, tais como instrumentos e ferramentas de metal, tecidos, pólvora, sal, azeites, óleos, ceras, pimentas, canelas, noz-moscada, gengibre, cravo, café, remédios e perfumarias, entre outras.

Além do capitão-mor, sua mulher e dois filhos miúdos, o piloto, o soto-piloto, o mestre, o escrivão, o cirurgião-barbeiro, marinheiros, cordoeiros e despenseiros, entre outros trabalhadores, iam na Nova Conceição fidalgos e negociantes com muitos comércios e interesses nas terras do Brasil e, ainda, os padres Gonçalo Lopes e Álvaro Vaz, que seguiam para trabalhar na catequese de índios que habitavam as missões.

Pareciam os ventos, quando partimos do porto de Lisboa, assaz generosos, prósperos e bonançosos. Vinham eles do norte e sopravam alegremente pela popa da nau.

Muitos foram meus dias e noites de enjoos e vômitos.

Nunca antes andara eu metido em navios, marés, mares e ondas. Corria a embarcação pelo descomunal oceano a balançar e sacudir para lá e para cá e, ao mesmo tempo, para cima e para baixo.

Era meu trabalho obedecer às ordens do contramestre e de tudo fazer um pouco. Ajudava os marinheiros a ajustar as velas nos mastros, molhava o convés e limpava os porões, virava a ampulheta de meia em meia hora e tocava a sineta avisando a passagem do tempo. Quando me mandava o contramestre, subia na gávea de proa para, no lugar do gajeiro, observar o mar. Além disso, ajudava nos serviços da cozinha, levava e trazia ordens do capitão-mor ao piloto e assim por diante.

Trabalhava duro puxando cordas, subindo e descendo escadas, arribando e arriando velas, a correr pelo convés e pelos interiores da nau que balançava e corcoveava feito um cavalo a correr desembestado numa paisagem de ventos, mares e ondas.

Certa tarde, por causa dos saltos e ressaltos que dava a nau, um grumete de nome Gaspar Gonçalves, menino de cerca de 12 anos de idade ou menos, perdeu o prumo, desequilibrou-se, foi lançado ao mar e por lá ficou sepultado.

Dormíamos eu e os outros grumetes a céu aberto, encolhidos no chão úmido e balançante do convés.

Não poucas vezes, durante a noite, sonhei com o pobre miúdo ainda com vida esquartejado pelos dentes dos cardumes enviados pelo toско e cruel diabo.

Para comer, recebíamos a cada dia um punhado de biscoitos, um pote pequeno de água, um copo de vinho e, duas vezes por semana, um retalho de carne salgada ou peixe seco.

Nas conversas que mantive com meus companheiros de viagem, descobri que não era eu na nau Nova Conceição o único grumete que lá estava por força. Éramos cerca de cinquenta mancebos. Navegavam quase todos contra a sua vontade, seja por haverem sido doados pelos pais que, mui pobres, não tinham condições de sustentá-los, seja por serem órfãos enviados por ordens do Rei para aumentarem o número de portugueses naquele fim de mundo, seja por terem cometido pequenos crimes.

Sob a guarda e tutela dos padres, conosco seguiam também algumas moças órfãs. Rumavam elas para as terras do Brasil para se casarem com os portugueses que por lá viviam. Mesmo os marinheiros, em boa parte, não eram deveras homens do mar, mas desterrados, gente condenada por graves crimes no Reino que, em troca de vir habitar o Brasil, tiveram sua pena comutada.

Seguiu a Nova Conceição bem formosa, boiante e marinheira por cerca de duas semanas.

Íamos dando graças a Deus pelo bom tempo que tínhamos.

Soube o padre Álvaro Vaz que sabia eu cantar e dedilhar a viola, coisa que aprendera com minha defunta mãe. Emprestou-me ele então um ótimo instrumento que estava a levar para a missão no Brasil.

Às noites e também sempre após as missas, passei a cantar e a fazer que cantassem e bailassem comigo, o que nos enchia de esperança, afastava os medos e nos ajudava a fazer caminhar o tempo.

Mas belzebu, o mofino beijado, compadre e conselheiro da morte, sempre embuçado e à espreita, comparece com suas garras e peçonhas quando menos se espera.

Certa manhã, pelo convés adentrou com berrarias um marinheiro a chamar pelo capitão. Havia um grande vazamento na nau.

Fomos eu e um grupo de grumetes convocados para ajudar no bombeamento da água enquanto outros do porão inundado retiravam as mercadorias.

Apesar dos esforços dos calafeteiros e carpinteiros, o rombo no casco, por causa dos saltos e balanceios que dava a nau, só fazia aumentar e aumentar.

Também os ventos, dantes tão gentis e prestativos, decidiram, para gozo do demônio, revelar sua outra face.

Subitamente, nos veio pela proa um sopro tão petulante, rijo e negaceiro que atingindo a vela em cheio quebrou-nos o mastro principal.

Salteava agora a Nova Conceição sobre as águas e balouçava e bamboleava e corveteava com cruel ferocidade.

Quis Nosso Senhor Jesus Cristo que estivesse o grumete e gajeiro Rafael Soeiro, de triste sina, na cesta da gávea, no alto do mastro derrubado. Pelos ares veio despencado o pobre mancebo e desfez em pedaços a cabeça batendo no madeiramento duro do convés. Tinha ele talvez 20 anos. Era bom amigo, grosso, valente, e bem-disposto, casado de novo, deixando viúva em Lisboa.

Solucei diante do corpo do pobre Rafael Soeiro atirado aos peixes pelo contramestre.

Entre gritos de muitas tristezas, rezas e dores, trabalhava a tripulação inteira e lutava para tentar consertar o mastro esfrangalhado e salvar a nau que se desfalecia desaprumada afundando diante da fúria e soberba das águas encapeladas.

Nossa viagem, que começara envolta em prósperos e bonançosos ventos, prometia agora grandes infortúnios em sua funesta rota.

Nesse meio-tempo nos sobreveio uma coisa espantosa e nunca vista.

Eram apenas dez horas do dia quando negrejou o tempo e tornou-se de forma tal que mais parecia a chegada da última das noites. Rosnava o vento e a dar chicotadas fazia ranger e gemer as madeiras da nau. Parecia o mar, com os encontros que davam umas ondas nas outras, um furacão de águas a bater com tamanho estrondo que já não nos ouvíamos nem entendíamos uns aos outros.

Quando finalmente amainou a escuridão percebemos que as naus Santa Catarina e São Cristóvão já não andavam mais à vista.

Fizemos orações a Deus e a Nossa Senhora pedindo que estivessem elas apenas desgarradas de nós, mas que continuassem vivas, inteiras e sobreviventes nas intempestivas e desgovernadas águas do mar Oceano.

Para nossa tristeza e infelicidade, nunca mais as vimos.

Com os corcovos que dava a nau, continuaram as águas que teimavam em invadir nosso porão a crescer cada vez mais robustas.

Enquanto uns bombeavam, outros rezavam e outros tentavam consertar o mastro, eram as demais partes da nau desbaratadas por

ondas e ventos tão virulentos e torpes que só poderiam ser obra do sujo satanás.

Foi quando pela popa nos pegou um tão poderoso mar que deixou desmanchado o leme da nau.

Desceu então do firmamento um grosso e suspeito nevoeiro que, feito um malvado véu, encobriu a nau, o mar, os ventos, o dia, a noite, os homens e o mundo.

Quando amanheceu nos encontramos a boiar sem mastros, nem velas, nem leme.

Vieram então os dias de pairo e calma. Assemelhava-se agora a nau Nova Conceição a um esqueleto a boiar num silencioso e imóvel mar.

Depois de dias e dias sem sair do lugar, atracada por uma invisível âncora fincada por satanás, determinou o capitão Bernardo Gomes de Brito quatro linhas de trabalho.

Que se lançassem ao mar as fazendas e cofres do Rei, as mercadorias e encomendas, muitos quintais, e grandes fardos de anil e caixas de coisas mui ricas e curiosas, e tudo o mais que restasse, para que dessa forma fosse reduzido o peso da embarcação. Que prosseguissem com o bombeamento de água e com a tentativa de fechar as rasgaduras e brechas do porão que agora eram várias e cada vez mais grossas. Que com trapos, toalhas, lençóis e roupas recolhidas entre a tripulação costurássemos panos que pudessem substituir as velas que perdêramos ou que estavam rotas por causa dos raivosos e cruéis dentes do vento. E finalmente que marceneiros e ferreiros, com a ajuda dos marinheiros, tentassem, com os restos de madeira, improvisar novos mastros.

Para tudo isso havia urgências e premências.

Pelos cálculos feitos pelo contramestre, já tínhamos entrado pela quinta ou sexta semana de viagem.

De forma a alimentar nossos piores pressentimentos, talvez para mais uma vez nos provar, quis Deus que as provisões de comida e água começassem a findar.



Ordenou o capitão Gomes de Brito que fosse reduzida a ração para a tripulação a dois biscoitos, meio copo de vinho com três partes de água, duas castanhas e um pedaço de queijo do tamanho de duas unhas por dia.

Com a nau encravada nas defuntas águas do mar, o sol forte, a fome e a pouca água, infames enfermidades, febres, chagas, inchações, escrófulas e pústulas puseram-se a brotar desalastradas.

Dúzias e dúzias de pessoas adoentadas pediam por socorro deitadas nos cantos e nichos da nau a rezar pela ajuda e misericórdia de Deus. Alguns enfermos desatinavam, de maneira que falavam e faziam doidices, coisas de muita lástima e de fazer chorar.

Assisti com meus próprios olhos a um tripulante, com a ajuda de um grumete, prender com pregos suas duas mãos em pedaços de madeira e, qual uma espécie de Jesus Cristo desmiolado, atirar-se crucificado nas águas do mar.

Nesses momentos de árduos trabalhos e dificuldades, graças a Deus e ao que havia aprendido com minha finada mãe, pude ajudar o cirurgião-barbeiro a sangrar e ressangrar os muitos que gemiam e desfaleciam adoecidos.

Todos os dias, para nossa tristeza e desconsolo, os corpos daqueles que, sem resistir às doenças, recebiam a derradeira visitação de Deus eram atirados ao mar — verdadeiro cemitério para tantas e tantas almas que se foram.

Medonhas foram as fomes que sofremos.

Passamos a perseguir e comer os ratos e as ratazanas que, também sem ter o que comer, andavam desprevenidos pelos cantos da nau.

Muitos de nós passaram a comer assadas correias de couro, solas de borzeguins, botinas e sapatos, assim como velas de sebo e pedaços de madeira.

Raspávamos o chão dos porões onde antes estava armazenada a farinha de trigo e com a raspa e água do mar fazíamos uma pegajosa e escura sopa.